

SIMPÓSIO AT093

DIFICULDADES COTIDIANAS NA ESCRITA DE GÊNEROS DA ESFERA ACADÊMICA SEGUNDO LICENCIANDOS DE PEDAGOGIA DE UMA UNIVERSIDADE FEDERAL

RODRIGUES, Jéssica do Nascimento
Universidade Federal Fluminense
jessica_rodrigues@id.uff.br

Resumo: Intencionam-se analisar os enfrentamentos de uma turma de Pedagogia de uma universidade pública, vinculada ao PARFOR, no que tange às práticas de escrita vivenciadas no curso. Esta pesquisa, qualitativo-interpretativista e etnográfica, focaliza as apreciações valorativas desses estudantes, já professores, acerca das dificuldades de inclusão nas práticas cotidianas de escrita universitária e acerca do trabalho desenvolvido pelo professor universitário no ensino de gêneros da esfera acadêmica. Em termos metodológicos, aplicou-se um questionário semiestruturado a 10 estudantes em 2016, realizaram-se dois focais com 7 estudantes em 2016 e com 4 em 2017 e, por fim, empregou-se outro questionário respondido oralmente em videogravação por 3 estudantes em 2018; entretanto, aqui analisou-se apenas esse último dispositivo. Como é pesquisa longitudinal, prevê-se a realização de outros encontros até a conclusão do curso. Entendendo que as práticas de escrita são práticas sociais situadas em esferas discursivas não isentas de relações hierárquicas, ideológicas e de poder, ancora-se esse debate nos Estudos do Letramento, na Teoria da Enunciação e em pesquisas que imbricam formação docente e letramento acadêmico. As apreciações valorativas produzidas nas videogravações indicam existirem “dimensões escondidas” entre a solicitação e a produção de gêneros acadêmicos, como artigos e resenhas, cuja escrita é estimulada/ demandada sistematicamente pelos professores universitários. Embora as apreciações valorativas indiquem a aquisição de mais experiência com essa modalidade, a pressuposição de que os estudantes não só devem conhecer como ainda dominar de antemão tais gêneros é um fator dificultador de vivências significativas de escrita, porque minimiza-se o espaço do ensinar na esfera acadêmica.

Palavras-chave: apreciações valorativas; estudos do letramento; ensino da escrita; letramento acadêmico; gêneros discursivos acadêmicos.

Abstract: We intend to analyze the confrontations of a group of Pedagogy of a public university, linked to PARFOR, regarding the writing practices experienced in the course. This qualitative-interpretative and ethnographic research focuses on the evaluation values of these students, already teachers, about the difficulties of inclusion in daily practices of university writing and about the work developed by the professor in the teaching of genres in the academic sphere. Methodologically, a semistructured questionnaire was applied to 10 students in 2016, two focal points with 7 students were completed in 2016 and 4 in 2017 and, finally, another questionnaire answered orally in videotape by 3 students in 2018; however, only the latter device was analyzed here. As is longitudinal research, it is expected to hold other meetings until the conclusion of the course. Understanding that writing practices are social practices located in discursive spheres not exempt from hierarchical, ideological and power relations, this debate is anchored in Literacy Studies, Enunciation Theory and research that imbricate teacher training and academic literacy. Valuation assessments produced in video recordings

indicate that there are “hidden dimensions” between the solicitation and the production of academic genres, such as articles and reviews, whose writing is stimulated/demanded systematically by university professors. Although value judgments indicate the acquisition of more experience with this modality, the assumption that students should not only know how to master these genres in advance is a factor that impedes meaningful writing experiences, because it minimizes the space of teaching in academic sphere.

Keywords: valuation assessments; literacy studies; writing teaching; academic literacy; academic discursive genres.

Introdução

O projeto *O ler-escrever gêneros acadêmicos na formação docente* reúne as investigações do Grupo de Estudos e Pesquisa em Leitura e Escrita Acadêmica (GEPLA), da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense (FEUFF). Suas produções, embora incipientes, trazem à baila um conjunto de problemas atinentes às práticas escriturais nos cursos de formação de professores subjacentes à vivência da academia, como esfera discursiva, por docentes em formação. Dentre os temas pesquisados, os desafios enfrentados por estudantes de licenciatura nas práticas de escrita no decorrer das disciplinas confirmam resultados e ampliam um debate ainda acanhado no Brasil.

Esta pesquisa, numa abordagem qualitativo-interpretativista e etnográfica, intenciona analisar os desafios enfrentados por licenciandos de uma turma de Pedagogia vinculada ao Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR) de uma universidade federal no que se refere às práticas de escrita experienciadas no curso, com base em suas apreciações valorativas, considerando o trabalho desenvolvido pelo professor universitário e o fato de tais estudantes já atuarem como docentes da educação básica. Este trabalho é o resultado parcial de uma pesquisa em andamento (2016-2019).

Para tornar exequível a investigação em tela, o escopo teórico dos Estudos do Letramento (EL) e da Teoria da Enunciação (TE) a sedimentaram como caminho coerente e possível para que se pudesse produzir sentido, dialética e dialogicamente, com os estudantes-professores, aqui coenunciadores, lançando mão de dispositivos enunciativos como o grupo focal e a entrevista, sobre suas vivências de escrita até aquele tempo. Neste artigo,

porém, o foco será a videogravação de seus depoimentos no primeiro semestre de 2018, como enunciados vivos, sociais e ideológicos, elos na cadeia de comunicação discursiva.

1. Aporte teórico

Entendendo que as práticas de escrita são práticas sociais situadas em esferas discursivas não isentas de relações hierárquicas, ideológicas e de poder (STREET, 2014), este debate se ancora nos EL, na TE e em pesquisas que imbricam a formação docente e o letramento acadêmico partindo da seguinte questão de estudo: *O que os licenciandos da última turma de Pedagogia vinculada ao Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR) de uma universidade federal discursivizam, como apreciações valorativas, sobre os desafios enfrentados nas práticas de escrita experienciadas no curso, considerando o trabalho desenvolvido pelo professor universitário e o fato de tais estudantes já atuarem como docentes da educação básica?*

Algumas pesquisas já evidenciaram que a escrita de gêneros discursivos acadêmicos é um desafio para os estudantes de cursos de licenciatura (MARINHO, 2010; VIANNA et al, 2016; RODRIGUES; RANGEL, 2018; etc.). No entanto, o lugar dessa problemática tem sido minorado nessa esfera, sobretudo porque, ao ingressar no ensino superior, o estudante passa a ler e a escrever gêneros que desconhecia e a ter de lidar com a necessidade de produção/ transformação do conhecimento, muito mais do que reprodução, mediante uso de uma língua mais monitorada. Para Marinho (2010), a escrita acadêmica não recebe a merecida atenção nem como ensino nem como objeto de pesquisa, diferente da escrita na educação básica sobre a qual existe vasta pesquisa.

Compreendendo o(s) letramento(s) como práticas sociais e seu modelo ideológico como reconhecedor de que essas práticas letradas são produtos culturais, históricos e discursivos, conforme Street (2014), os EL consideram os usos do letramento acadêmico em esferas discursivas específicas e obviamente situadas e seu processo de escolarização:

[...] as implicações dos Novos Estudos do Letramento para a Pedagogia estão na necessidade que temos de ir além de ensinar às crianças os aspectos técnicos das funções da linguagem para, bem mais, ajudá-las a adquirir consciência da natureza social e ideologicamente construída das formas específicas que habitamos e que usamos em determinados momentos. (STREET, 2014, p. 23)

Ao assumir a perspectiva sócio-histórica e cultural das práticas de escrita, o conceito de esfera e de gênero discursivos, por dentro da TE, contemplam as premissas que movem este esforço intelectual de pesquisa. Segundo Bakhtin (2011), em função da situação da enunciação, da posição social ocupada e das relações de reciprocidade entre coenunciadores, os gêneros se diversificam, ainda que existam formas oficiais mais estáveis, como são os textos acadêmicos. Ademais, a enunciação contempla sempre uma orientação apreciativa, sem separá-la da significação, marcando seu lugar na evolução social viva e confirmando seu caráter organicamente histórico (BAKHTIN, 2010).

Uma investigação sobre as orientações apreciativas de professores em formação vai ao encontro da discussão sobre por que cursam Pedagogia ou outra licenciatura e sobre como foram e são as suas histórias de letramento dentro e fora da universidade para, desse modo, focalizar “não só o que falta aos docentes em formação, mas tomando por base as práticas que já fazem parte de seu letramento, para que se apropriem das novas práticas acadêmicas que lhes são exigidas nos contextos de formação” (VIANNA et al., 2016, p. 53).

2. Metodologia

Sem acento apreciativo, não há palavra. (BAKHTIN, 2010, p. 137, grifo nosso)

Esta pesquisa, qualitativo-interpretativista e etnográfica, focaliza as apreciações valorativas de estudantes do curso de Pedagogia, já professores formados no curso normal (Ensino Médio), acerca das dificuldades de vivência das práticas acadêmicas de escrita e acerca do trabalho desenvolvido pelo professor universitário no ensino de gêneros dessa esfera. A referida turma é vinculada ao PARFOR, que viabiliza o curso de licenciatura a docentes da rede pública de educação básica que não possuem formação superior.

Em termos metodológicos, aplicou-se um questionário semiestruturado (respondido por escrito por 10 estudantes em 2016), realizaram-se dois focais (o primeiro com 7 estudantes em 2016 e o segundo com 4, em 2017) e, por fim, empregou-se outro questionário semiestruturado (respondido oralmente em videogravação por 3 estudantes em 2018). Aqui, analisou-se apenas esse último dispositivo, prevendo-se, como se trata de pesquisa longitudinal, a realização de outros encontros com tais estudantes até a conclusão do curso em 2019.

Às três estudantes, todas professoras de escolas públicas localizadas na Baixada Fluminense, Rio de Janeiro, foram atribuídos pseudônimos (Betina, Dalva e Luara) a fim de se manter seu anonimato. Elas receberam, por e-mail, um roteiro com 10 questões, das quais foram analisadas 8, e com a proposta de gravação de um vídeo apresentando suas respostas, suas palavras, suas apreciações valorativas.

3. Discussão

A primeira questão, *Neste 4.º semestre, que gêneros você mais escreveu no curso? Cite três deles*, foi uma oportunidade de mapear os gêneros mais recorrentes no curso. Seguido da resenha e do resumo, citados reiteradamente em outras fases da pesquisa, o gênero projeto ganha centralidade. As videografações permitiram uma análise verbal e extraverbal da enunciação das três estudantes-professoras, as quais começam a ler e escrever para a produção do trabalho de conclusão de curso: a monografia. A segunda, *Houve alguma mudança em relação aos semestres anteriores? Comente*, reafirma a anterior, porque Betina, Dalva e Luara expressam preocupação ao afirmarem haver, nesta etapa do curso, a necessidade de escrita do projeto de pesquisa, para além das solitações cotidianas nas disciplinas. Mas foi na terceira, *Quais as três principais dificuldades que você encontrou na escrita desses gêneros no 4.º semestre?*, que elas esboçaram as “dimensões escondidas” de que trata Street (2010) e, em vozes produzidas coletivamente, em diálogo com os dispositivos enunciativos de encontros anteriores, comungaram. Para Dalva, “as professoras que pediram o projeto, elas orientaram como que seria, mas mesmo assim a gente teve uma certa dificuldade de montar também”. Luara complementa: “Eu

acredito que muitos professores imaginavam que nós sabíamos já escrever esses gêneros de escrita, por isso que eles passavam, entendeu?! Não explicavam”. Tais apreciações, reiteradas em outros momentos, em tom de desabafo e reclamo, exprimem contrapalavras latentes nas relações de poder inerentes à esfera acadêmica.

Ao questionar *Você considera que tais dificuldades são as mesmas em relação aos semestres anteriores? Por quê?*, Betina esclarece: “Eu acho que a dificuldade diminuiu, né, no todo, porém a gente ainda se esbarra naquela situação: professor pede uma coisa, mas nem ele mesmo sabe o que ele está pedindo”. E Dalva, mediante citação da voz do professor em discurso direto, reproduz: “‘Ah, é fácil, vocês vão conseguir’, mas não dá as devidas orientações de como tem que ser feito realmente em escrita”. Essas orientações apreciativas de desagrado carregam a constatação de que os professores defendem a autonomia nas práticas escriturais acadêmicas dessas estudantes desde o início do curso, mas desconsideram, em termos, suas histórias de letramento. Na quinta questão, *Que estratégias você utilizou para tentar sanar tais dificuldades?*, encontram-se os modos como essa autonomia se desenvolve na esfera acadêmica: a busca de ajuda de colegas e de modelos do gênero na internet. “Eu pesquisei muito na internet, em livros, e também tirava a dúvida com alguns amigos meus que já tinham se formado”, Luara salienta, com expressão conformada. Essa apreciação valorativa na direção do trabalho do professor universitário, como aquele que solicita a produção textual sem criar expedientes pedagógicos claros de ensino-aprendizagem, é retomada na questão: *Os professores ensinaram/orientaram a escrita desses textos/gêneros ao longo do semestre?* Para Dalva, os professores “não explicaram... como, passo a passo de como deveria ser feito, apenas solicitaram esses trabalhos [...], a professora do artigo não explicou como, a gente ficou muito perdido realmente como deveria ser feito; a do projeto deu alguns parâmetros certinho, de como deveria ser feito, mas mesmo assim como a gente não tinha feito ainda teve uma certa dificuldade”. O pressuposto bakhtiniano de que é necessário convívio/experiência com o gênero para que se possa dominá-lo parece não

existir na prática, embora a própria estudante reconheça isso. As estudantes precisariam conhecer, ler e analisar artigos e projetos antes de escrevê-los, considerando-se os gêneros como tipos relativamente estáveis de enunciado.

Na sétima questão, *Cite dois pontos positivos, se houver, dessas práticas de escrita desses gêneros no contexto universitário*, a prática ganha espaço nas enunciações. Para Dalva, em apreciações valorativas que indicam obviamente índices sociais de valor produzidos no coletivo, “com a maior dificuldade a gente vai conseguindo ir aprendendo a desenvolver esses textos, porque nada melhor do que a prática, mas a prática precisa ser corrigida para a gente ver onde que a gente está errando”. Práticas escriturais embasadas em modelos da internet e em experiências compartilhadas por colegas de curso, sem orientação, como apenas um requisito para o cumprimento de uma disciplina ou do curso, não excluem a responsabilidade do professor de um trabalho mais acurado e de qualidade com o texto acadêmico, lembrando que “o mero conhecimento da ossatura não leva não leva a redação do texto em si” (GERALDI, 2010, p. 98). Na oitava questão, *Cite dois pontos negativos, se houver, dessas práticas de escrita desses gêneros no contexto universitário*, Luana consegue resumir as vozes de suas colegas, cujas apreciações valorativas pendem para o desconhecimento do gênero e para a crítica ao professor universitário no trabalho com gêneros discursivos acadêmicos: “Eu me senti um pouco perdida às vezes. Às vezes eu pensava que estava escrevendo um tipo de resumo, e não era aquele, acabava misturando resenha com resumo, e entregava, e não tinha correção”.

4. Considerações finais

Enfim, trata-se de pensar o ensino não como aprendizagem do conhecido, mas como produção de conhecimentos, que resultam, de modo geral, de novas articulações entre conhecimentos disponíveis. (GERALDI, 2010, p. 98)

Entender o trabalho com os gêneros discursivos nas salas de aula do ensino superior, em especial nos cursos de formação de professores, é compreender que: a) os textos acadêmicos têm centralidade nessa esfera, sim, e não dispensam a necessidade de criação de expedientes pedagógicos para

seu ensino, o que é tarefa não só dos professores universitários, mas sim de toda a sua comunidade discursiva; b) os professores em formação são agentes de letramento nas escolas e não podem prescindir, por isso mesmo, da vivência de ler-escrever gêneros acadêmicos como produção/ transformação e compartilhamento do conhecimento.

A existência de “dimensões escondidas” (STREET, 2010) entre a solicitação e a produção de gêneros acadêmicos, como artigos, resenhas e projetos de pesquisa, enunciada nas apreciações valorativas coproduzidas nas três videograções, mesmo que indiquem a aquisição de mais experiência com essa modalidade, e a pressuposição de que os estudantes não só devem conhecer como ainda dominar de antemão tais gêneros discursivos são dificultadores de vivências significativas de escrita e de uma formação que vise ao desenvolvimento da autonomia docente. Tais questões precisam ganhar espaço no debate sobre formação de professores no ensino superior.

Referências

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

GERALDI, J. W. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

MARINHO, M. A escrita nas práticas de letramento acadêmico. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 10, n. 2, p. 363-386, 2010.

RODRIGUES, J. do N.; RANGEL, M. Os desafios da escrita para licenciandos de pedagogia: apreciações valorativas sobre o ensino de gêneros discursivos acadêmicos. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, v. 19, n. 1, p. 26-52, 2018.

STREET, B. **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

_____. Dimensões “escondidas” na escrita de artigos acadêmicos. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 28, n. 2, p. 541-5567, jul./dez. 2010.

VIANNA, C. A. D. et al. Do letramento aos letramentos: desafios na aproximação entre letramento acadêmico e letramento do professor. In: KLEIMAN, A. B.; ASSIS, J. A. (Orgs.). **Significados e ressignificações do letramento: desdobramentos de uma perspectiva sociocultural sobre a escrita**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2016. p. 27-59.